Revista Latino-Americana de História
Programa de Pós Graduação em História – UNISINOS
V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

O PAPEL DA MULHER NA MANUTENÇÃO DA LÍNGUA KAINGANG NA TERRA INDÍGENA (TI) APUCARANINHA – PR/ BRASIL

THE ROLE OF WOMEN IN MAINTAINING THE KAINGANG LANGUAGE IN TERRA INDÍGENA (TI) APUCARANINHA – PR/BRASIL

Gislaine Domingues
Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)
prof.gislainedomingues@gmail.com

Resumo: Neste artigo tecemos algumas considerações a respeito das atitudes linguísticas das mulheres Kaingang, moradores da TI-Apucaraninha, PR. Entendendo a língua como um importante fator de identidade cultural, apresentamos parte dos resultados de uma pesquisa, desenvolvida por uma pesquisadora Kaingang nativa e moradora da aldeia e outra não indígena, que trata a respeito das atitudes das falantes indígenas bilíngues, da já referida localidade, em relação ao uso das línguas Kaingang e Portuguesa, no espaço da aldeia. Para a discussão proposta, trazemos a análise de duas entrevistas, realizadas com falantes bilíngues, moradores da TI. A análise dos dados é sustentada pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística, em sua perspectiva macro. Como resultado podemos observar que as atitudes positivas em favor do Kaingang e a relação das mulheres com a língua vem contribuindo para a manutenção e vitalidade dessa língua, um meio de resistência e afirmação de identidade.

Palavras-chave: Atitudes linguísticas. Mulheres Kaingang. Lingua Kaingang. TI Apucaraninha. Paraná.

Abstract: In this article, we make some considerations about the linguistic attitudes of Kaingang women, residents of TI-Apucaraninha, PR. Understanding language as an important factor of cultural identity, we present part of the results of a research, developed by a native Kaingang researcher who lives in the village and another non-indigenous one, which deals with the attitudes of bilingual indigenous speakers. For the proposed discussion, we bring the analysis of two interviews, carried out with bilingual speakers, residents of the TI. Data analysis is supported by the theoretical and methodological assumptions of Sociolinguistics, in its macro perspective. As a result, we can observe that the positive attitudes in favor of Kaingang and the relationship of women with the language have contributed to the maintenance and vitality of this language, a means of resistance and identity affirmation.

Keywords: Linguistic attitudes. Kaingang Women. Kaingang language. TI Apucaraninha. Paraná

DOI: https://doi.org/10.4013/rlah.2021.1026.08

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

PALAVRAS INICIAIS

A população indígena brasileira é diversa. Dentre essas nações estão os Kaingang, considerados como importantes representantes dos povos de línguas Jê. A língua, que recebe o mesmo nome do povo, é falada por mais de 30.000 pessoas, distribuídas em mais de 30 Terras Indígenas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. De acordo com o último censo demográfico, realizado no ano de 2010, o povo Kaingang corresponde a mais de 45% da população total dos povos de língua Jê, no Brasil (IBGE, 2010).

Neste artigo tecemos considerações acerca do povo Kaingang, moradores da Terra Indígena (TI) Apucaraninha, localizada no norte do Paraná, nas proximidades da cidade de Tamarana e de Londrina.

As duas pesquisadoras que realizaram esse trabalho possuem vivências diferenciadas em relação ao contato com os moradores da TI, a primeira é nativa Kaingang, moradora da Aldeia, enquanto a segunda é uma pesquisadora *fóg* (não indígena). O ponto em comum entre ambas, no entanto, é o reconhecimento da importância em dar visibilidade à trabalhos e publicações que tratem das questões linguísticas, dentre outras temáticas de diversas áreas do conhecimento, como forma de compreender e apontar possibilidades para a valorização da língua Kaingang, seja em contexto de vitalidade ou de revitalização dos quadros sociolinguísticos das aldeias do Paraná, em especial na região norte do Estado.

Em se tratando da TI Apucaraninha, nos deparamos com a complexidade linguística vivenciada pelos moradores, visto que, apesar de manterem a língua indígena em uso constante na aldeia, necessitam ter também o domínio da língua portuguesa para a interação com os não indígenas. Além disso, temos observado que as gerações mais jovens têm estabelecido contato mais cedo com a língua portuguesa em relação à experiência de contato dos falantes mais velhos, fato visivelmente desencadeado pelo uso e acesso às tecnologias televisivas e de redes socias, promovidas pelo aceso à internet.

Ainda assim, notamos um movimento de valorização identitária em curso, aderida pelos mais jovens, por meio de práticas de oralidade (cantos, contação de histórias, na língua Kaingang) e expressões artísticas corporais (danças; apresentações culturais), dentre outras ações de revitalização identitária.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

A língua é um importante fator cultural, seu uso em todos os domínios sociais da terra indígena favorece a sua valorização entre os falantes, fortalecendo a identidade étnica dos Kaingang, pois, a língua além de ser uma importante representante da cultura é também veiculadora de outros elementos culturais, dentre os tais a oralidade, uma importante ferramenta de resistência para os povos indígenas.

Contudo, ainda que mantenham a língua ancestral, os indígenas necessitam ser proficientes na língua portuguesa para terem acesso aos serviços e ocupar os espaços sociopolíticos fora das aldeias, principalmente, por conta das constantes lutas pela manutenção e reinvindicação de direitos.

Partindo deste pressuposto, tratamos neste trabalho a respeito das atitudes que têm contribuído para a valorização e manutenção da língua Kaingang na TI Apucaraninha, haja vista que, no espaço da aldeia, o Kaingang é a língua mais falada por todos os moradores, fato que diferencia a referida aldeia de outras terras do norte paranaense, nas quais a variedade indígena encontra-se em processo de revitalização.

Neste contexto, entendemos que o comportamento linguístico das mulheres Kaingang é um relevante fator para a compreensão do quadro sociolinguístico da TI-Apucaraninha, tendo em conta a participação feminina no processo de manutenção da língua tradicionalmente falada pelos Kaingang.

Neste trabalho, nosso aporte teórico e metodológico é a Sociolinguística, mais especificamente na observância do funcionamento das línguas indígena e portuguesa, nos espaços socias da aldeia.

Como forma de buscarmos dar voz aos Kaingang, este trabalho busca alinhar as questões teóricas da sociolinguística, juntamente com as ponderações realizadas por nossas parceiras da pesquisa, as quais nos forneceram elementos para debatermos a questão das atitudes linguísticas dos moradores da TI Apucaraninha, frente ao contato entre as línguas Kaingang e portuguesa.

1 O POVO E A LÍNGUA KAINGANG

Tendo em vista que a linguagem é uma capacidade humana revelada na interação entre membros de determinados grupos, não seria conveniente discorrer sobre a língua de um povo sem antes mencionar algumas características próprias dele. Para isso, apresentamos algumas

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

considerações a respeito do povo e da língua Kaingang e, também, algumas informações a respeito da TI- Apucaraninha, localidade abordada na pesquisa.

1.1 O povo

Os Kaingang ocupam a terceira posição entre os povos indígenas mais numerosos do Brasil. Constituem o maior grupo indígena pertencente à família Jê, vivendo em diversas Terras Indígenas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo (IBGE, 2010).

A Terra Indígena Apucaraninha (TI-A) fica na divisa dos municípios de Londrina e Tamarana, na confluência dos Rios Apucarana e Apucaraninha com o Rio Tibagi. A TI-A possui pouco mais de 5.000 hectares, onde residem aproximadamente 2.000 pessoas.

Há na aldeia um posto de saúde básica, igrejas católica e protestante, além de uma cadeia, espaço para guarda de maquinários, pátio para preparação de assados e festas.

Em se tratando da educação escolar indígena, o modelo de ensino ainda é o de transição, neste paradigma a língua portuguesa começa a ser ensinada a partir do 3º ano do Ensino Fundamental, pois, até essa fase, ensina-se somente a língua Kaingang. Na segunda etapa do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, os alunos continuam aprendendo o Kaingang, entretanto, com menor regularidade, pois o tempo de ensino passa a ser dividido com as outras disciplinas da grade curricular.

Mesmo com a relativa proximidade com os *fóg* (não indígenas), o povo da aldeia Apucaraninha preserva a língua Kaingang, utilizando-a em todas as relações sociais cotidianas e também em ocasiões de ritos e celebrações. As crianças aprendem a língua indígena em casa, com seus familiares próximos; como já mencionado, o contato mais estreito com a língua portuguesa tem início no processo de escolarização.

1.2 A língua

Segundo Rodrigues (2002, p.17), "Como todas as demais, as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social no meio físico e social em que tradicionalmente têm vivido esses povos". O autor pontua que, embora algumas línguas sejam substancialmente diferentes, conservam elementos comuns que possibilitam reconhecê-las como descendentes de uma só língua interior.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

As línguas indígenas brasileiras caracterizam-se por apresentarem semelhanças nas suas origens, fazendo, assim, parte de famílias linguísticas; estas, por sua vez, pertencem a grupos ainda maiores, classificados como troncos linguísticos. Os maiores troncos linguísticos são o tronco Tupi e o tronco Macro-Jê. O tronco Macro-Jê é composto por nove famílias linguísticas, a língua Kaingang pertence à família Jê.

Conforme afirma Rodrigues (2002), a família Jê é o constituinte maior do tronco e as línguas desse grupo são faladas, principalmente, nas regiões dos campos cerrados que se estendem do sul do Maranhão e do Pará, em direção ao sul, pelos estados de Goiás e Mato Grosso, até os campos meridionais dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Quanto à distribuição dos povos de línguas Jê, os Kaingang e os Xokléng se diferenciam, por ocuparem a porção Sul e pequena parte do Sudeste do Brasil, são por isso conhecido como povos Jê do Sul.

2 ASPECTOS TEÓRICOS: LÍNGUA E SOCIEDADE

A preocupação em promover teorias que focalizassem a ligação entre a língua e o social motivou a consolidação da Sociolinguística como disciplina própria, surgindo como uma possível compensação para os estudos linguísticos, que optaram por analisar especialmente os fatores linguísticos internos, sem considerar, em suas análises, o meio social dos falantes. Desse modo, a Sociolinguística busca centralizar em seus estudos os aspectos externos à língua, demonstrando a covariação sistêmica das variações linguística e social (BRIGHT, 1964).

Silva-Corvalán (1989) pondera que a Sociolinguística se desenvolveu como teoria linguística, principalmente nos Estados Unidos e Canadá a partir dos anos 70. Com uma metodologia própria, estudando, a língua dentro de seu contexto social. Ressalta a autora que o estudo da língua como fenômeno social opõe-se ao conceito de homogeneidade, haja vista que as comunidades linguísticas são heterogêneas e reais.

Monteiro (2000) pondera que a sociolinguística pode ser dividida sob as perspectivas de macroanálise e a de microanálise. A macrossociolinguística trata da relação língua e sociedade, pautando suas análises e descrições, mais precisamente, sob um viés sociológico e político, abordando, por exemplo, questões políticas e sociais motivadas pela situação do

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

multilinguismo. A microssociolinguística, por sua vez, centra seus estudos nos reflexos que os fatores sociais podem desempenhar nas estruturas linguísticas, utilizando-se de dados estatísticos, em busca de determinar as razões responsáveis para a aplicação de uma dada regra variável. Monteiro esclarece que:

> Enquanto a macro-sociolinguística toma a sociedade como ponto de partida e trata da linguagem como um elemento básico na organização das comunidades, a micro-sociolinguística toma a própria língua como alvo e trata as pressões sociais como fatores essenciais na determinação das estruturas linguísticas. (MONTEIRO, 2000, p.27)

Atento a essas formulações, este trabalho recorre em suas análises à macrossociolinguística, em atenção aos aspectos sociopolíticos que permeiam a vivência dos moradores da TI Apucaraninha, tendo em conta, as motivações para as tomadas de atitudes dos falantes frente ao uso das línguas Kaingang e portuguesa.

2.1 Atitudes

Interessa-nos, porém, delimitar o sentido de atitude ao campo da Linguística, ressaltando que essa ciência tomou emprestada da Psicologia Social a definição de atitude.

Na acepção de Lambert e Lambert (1972), psicólogos sociais, as atitudes são compostas por alguns elementos, a saber: os pensamentos e as crenças, os sentimentos/emoções e as tendências para reagir. Ponderam os autores que:

> As atitudes desempenham uma função essencial na determinação de nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre os outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos. (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

Uma atitude positiva pode favorecer o percurso de uma mudança linguística, tornando-a mais rápida, ao passo, que uma atitude negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma variedade linguística, ou impedir a sua difusão. (Fernández, 2008). Por isso, é tão importante o desenvolvimento de trabalhos que tragam a temática das atitudes em ambientes

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

tensionados por línguas em contatos, pois esses levantamentos podem favorecer para o entendimento sobre a vitalidade ou a perda de línguas ancestrais, bem como, tratar de questões relacionadas à identidade linguística.

Fernández (2008) ressalta que: "A atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos por focar e referir-se especificamente tanto à língua quanto ao uso que dela é feito na sociedade. (Fernández, 2008, p.177)"[1]

A língua é uma das marcas da identidade de um povo, é um importante elemento cultural, ao mesmo tempo é a responsável pela veiculação de outros elementos da cultura. Devido ao seu caráter interativo, promove a aproximação dos indivíduos com seus pares, contribuindo assim para a disseminação de conhecimento, manutenção de costumes, dentre outras questões.

Neste contexto, observar as atitudes do falante indígena, em um espaço linguístico de tensão política e ideológica, motivado pelo contato entre línguas, é um importante exercício para o entendimento de como as atitudes linguísticas podem favorecer a manutenção ou o desaparecimento de línguas ancestrais, faladas pelos povos tradicionais.

3 ATITUDES DOS KAINGANG DO APUCARANINHA

Os dados para essa pesquisa foram coletados junto a colaboradores indígenas da etnia Kaingang, moradores da TI Apucaraninha. As entrevistas ocorreram no espaço da aldeia, em momentos informais, a partir de observações e anotações de conversas cotidianas e em momentos formais, na aplicação de questões previamente elaboradas pelas pesquisadoras, por meio de entrevistas.

Para esse artigo, trazemos as ponderações realizadas por duas colaboradoras, sendo duas mulheres, bilíngues ativas em Kaingang e português, as idades variam entre 21 a 45 anos, essa escolha não foi ao acaso, mas, pautada na necessidade de observarmos semelhança ou divergências de atitudes linguísticas, conforme a idade dos nossos parceiros de pesquisa.

A escolha pelo recorte das falas femininas não foi ao acaso, isto porque a mulher indígena tem um papel muito importante no processo de ensino da língua materna, pois são elas

[1] La actitude lingüistíca es una manifestación de la actitude social de los indivíduos por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace em sociedad. (FERNÁNDEZ, 2008, p.177)

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

que estão mais próximas das crianças nos momentos de convivência diária. Não se exclui o fato de os homens também falarem a língua indígena com os pequenos, mas de forma atributiva este é um papel mais voltado às mães ou mulheres da aldeia. Além disso, as mulheres Kaingang, em sua maioria, possuem contato próximo com a língua portuguesa, dado ao fato de trabalharem com a venda de artesanatos nas cidades. A prática de venda de cestas e balaios pelas mulheres Kaingang é uma marca cultural do povo, o processo das vendas coloca as mulheres em constantes interações com os *fóg* e, por conseguinte, com a língua portuguesa.

Assim sendo, o papel da mulher Kaingang é relevante na difusão da língua materna e no contato com a língua portuguesa.

Para melhor leitura dos dados, utilizamos nomes fictícios a fim de preservarmos a identidade dos nossos parceiros de pesquisa. O quadro abaixo traz explicações mais detalhadas.

Quadro 1- PERFIL RESUMIDO DOS COLABORADORES DA PESQUISA	
GRUPO 1	
Nyg	Gênero Feminino, Idade 21 anos, concluiu o Ensino Médio, no formato bilíngue. Trabalha na aldeia, integra o grupo de danças culturais Kaingang, realiza apresentações na aldeia e em eventos culturais.
Fej	Gênero Feminino, Idade 40 anos, professora bilíngue e coordenadora pedagógica.

Fonte: elaborado pela autora, 2021

A respeito das questões, buscamos observar a relação das falantes com as duas línguas que utilizam, na tentativa de compreender quais valores são dados a ambas.

As questões colocadas foram as seguintes:

a) Na conversa com seus familiares e amigos você fala em qual (is) língua (s)?
b) Você acha importante saber e falar o Kaingang? Por quê?
c) Você acha importante saber e falar português? Por quê?

Após a escolha das questões, as respostas foram comparadas às atitudes linguísticas observadas nos espaços da aldeia, durante as atividades cotidianas, tantos das colaboradoras diretas da pesquisa, quanto dos demais moradores da TI, com o intuito de entender qual relação

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

que se estabelece entre o indígena e a sua língua materna e também qual é o espaço da língua portuguesa no cotidiano da TI.

Na observação do uso das línguas na TI, os dados demonstraram que todos as participantes entendem e falam a língua materna, ou seja, o Kaingang, algo que já era esperado, considerando ser essa a variedade que primeiro aprenderam no seio da família, além de ser a língua de uso comum nos espaços sociais da aldeia. De igual modo, as duas afirmam que sabem falar o português, entretanto, o uso da língua Kaingang é o que prevalece nas relações sociais na aldeia.

Isso ficou melhor demonstrado a partir das respostas às questões que versam sobre o uso das línguas nos espaços sociais da família e no convívio entre os moradores da aldeia (Na conversa com seus familiares e amigos você fala em qual [is] língua [s])? Para essas questões todos os colaboradores responderam que a língua Kaingang é predominantemente a variedade de uso nas relações sociais familiares e no convívio com os amigos.

Quanto ao comportamento linguístico das entrevistadas, em correspondência aos lugares sociais da família e da aldeia, convém ressaltar que a oralidade tem importância fundamental para os povos tradicionais. D'Angelis (2012, p.210) reforça que "as narrativas indígenas sustentam e se perpetuam por uma tradição oral".

Na TI-Apucaraninha as práticas de oralidade são marcantes, as participantes da pesquisa relatam ter aprendido a língua Kaingang com os pais, familiares mais próximos e com os anciões, nas rodas de conversa, durante os momentos de contação de histórias, nos cantos ouvidos e entoados, enfim, nas práticas socioculturais e discursivas da aldeia.

Bruno Ferreira ressalta a importância da oralidade para os povos indígenas, ressaltando o ato de contação de histórias, realizado pelos mais velhos (*Kofá*):

> Os Kofá Kaingang, possuem um papel fundamental. Através de metodologias próprias, ao redor do fogo, nas rodas de conversas entre as pessoas de várias idades da comunidade, nas conta-ação de suas histórias, nos cantos que transmitem para as Gĩr – crianças – e aos Kyrũ e Tytãg – jovens – transmitem os seus conhecimentos, tanto de suas experiências, quanto àqueles que escutaram de outros em sua época de criança e jovem. Deste modo, os conhecimentos são construções vivas, pois vem de experiências transmitidas pela oralidade. (FERREIRA, 2020, p.178)

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

Outra prática oral comum entre os Kaingang é o canto, algo que tem sido cada vez mais revisitado na TI-Apucaraninha, em ações nas quais os Kaingang mais novos consultam os mais velhos a fim de aprenderem cantos e rituais, revitalizando assim significativos elementos da cultura Kaingang. A oralidade é uma das mais poderosas pontes para a comunhão entre os Kaingang, pois, aproxima todo o grupo, sobrepujando as limitações de consanguinidade.

Em vista disso é na e pela oralidade que as relações afetivas e interlocuções cotidianas são estabelecidas. Seguindo essa lógica, consideramos também, em nossa análise, a convivência "familiar" presente entre os indígenas.

A cosmovisão Kaingang, pautada na fraternidade e na solidariedade, também é um dos princípios que regem a convivência entre os membros desse povo. A criação do mundo para o Kaingang foi realizada pelos irmãos Kainhru e Kamé. Aquele trouxe consigo o que é circular, os seres malhados, enquanto este estabeleceu as partes compridas e longas, vistas e apreciadas na natureza e nos homens. As metades não interferem somente na construção corpórea dos seres, mas, também flui em suas emoções. Neste ensejo, o mundo e tudo o que nele há fora criado com base na oposição e na complementaridade. Essa lógica distribucional da natureza reflete no modo de ser, ver e sentir do indígena, o povo é assim dividido em dois clãs. Nas ocasiões de rituais e festas, as pinturas corporais anunciam a metade à qual o indivíduo pertence: Kamé – desenhos de traços compridos *(téj*), Kanhru desenhos de traços redondos (*ror*).

De acordo com Veiga (2004, p.269), Kanhru e Kamé personificam a percepção de mundo perfeitamente simétrica, a cosmologia Kaingang é aberta para a alteridade.

A visão dual e complementar pode ser percebida na organização social e afetiva dos Kaingang, assim sendo, os laços de família superam os consanguíneos, pois, em tese, todos são partes de um mesmo grupo, ainda que pertencente às metades diferentes, é na junção das partes que se constitui o todo.

Os domínios linguísticos da família e da aldeia se juntam no cotidiano do indígena e o convívio entre os membros da aldeia é algo que vem sempre reforçado pelo uso da língua Kaingang, desse modo, a língua é um importante traço de identidade cultural desse povo.

É importante ressaltar que até mesmo em situações linguísticas nas quais o português ocupa o espaço de primeira língua, condição comum de ser observada entre povos que deixaram de falar a língua indígena, as práticas sociodiscursivas são permeadas por vivências ancestrais do povo. O português falado nessas situações é carregado de identidade indígena, o modo de

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

interação entre os pares é carregado de simbologias, desde a entonação da voz até o portar dos gestos.

Portanto, não podemos considerar que a língua indígena é exclusivamente um marcador da identidade Kaingang, mas, obviamente é um dos aspectos que fortalece essa identidade, junto a outras práticas culturais próprias do povo.

Acerca do construto da identidade indígena, Maher (1998), considera que a questão da identidade linguística remete a uma construção permanente (re) feita a partir das interações sociais que se estabelecem entre o indígena e outros sujeitos sociais e étnicos (Maher, 1998).

Conforme a autora, as interações sociais entre os indígenas, seja com membros da mesma etnia ou com os não indígenas, influenciam no processo de formação e reformulação de identidade. A língua é então uma realidade desse processo, pois é nela e por meio dela que se propagam as ideias e as crenças, elementos culturais de marcação de um indivíduo ou de um grupo.

A respeito da importância que as colaboradoras atribuem à língua indígena e à língua portuguesa, ambas foram unânimes em afirmar que falar o Kaingang é muito importante e consideram que a preservação da língua é uma forma de resistência e de identidade do povo indígena, demonstraram afetividade pela língua indígena, destacamos aqui a fala de Fej: “eu falo Kaingang porque eu amo ser Kaingang, minha língua me completa.”

Nyg afirma achar importante falar a língua de seu povo, porque é um dos elementos que a identifica como uma indígena da nação Kaingang. Completando a observação Sãngsò prossegue a resposta de forma impactante, direcionando à pesquisadora não indígena: “Sem nossa língua nós não sabemos nossa história, porque tudo que faz parte da gente é explicado na língua, antes nenhum indígena tinha escrita, então como sei as histórias dos meus ancestrais? Através da minha língua, ela é o que eu sou”

Ao refletirmos sobre essas respostas percebemos o quão importante é para os indígenas da TI Apucaraninha manter viva a língua ancestral, falada há séculos pelo povo Kaingang, a língua é um complemento cultural importante não somente para a identificação étnica, mas, sobretudo para a manutenção da história do povo. Mais uma vez a oralidade se destaca como um elemento necessário no processo de vitalidade, de revitalização e de re-construção identitária, e esse processo não ocorre de forma separada e linear, mas de modo circular e contínuo.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

No que se refere à língua portuguesa, é reconhecida a importância de seu aprendizado e uso pelas entrevistadas. Mas em todas as respostas há a atribuição desta importância para o acesso de serviços fora da aldeia, ou para situações específicas na aldeia, por exemplo, na escola, nas aulas das disciplinas comuns da grade curricular da escola pública; no posto médico; na interação com os *fóg*. A necessidade de saber a língua portuguesa está atrelada à sobrevivência do indígena fora da aldeia, para a busca por direitos, que por séculos lhes têm sido negados.

Outrossim, na TI-A, a participação das mulheres no processo de manutenção do Kaingang tem sido decisiva para a vitalidade da língua indígena, haja vista que, elas a todo tempo estão ensinando a língua para as crianças da aldeia, fato que reforça a vitalidade do Kaingang, pois, em contextos de línguas em contato, uma das principais marcas que resultam na perda de uma variedade linguística é fato de a língua ancestral do grupo tornar-se restrita somente os falantes mais velhos, tendendo, pois, os jovens a perder o interesse no aprendizado e uso da variedade étnica do grupo. (Fishman, 1991).

Portanto, o *status* conferido à língua é também fator decisivo na validação de seu uso entre as crianças e os jovens, a partir dessa perspectiva, assimilamos que uma visão positiva a respeito da língua, contribui para a frequência de uso e permanência dela entre os membros de uma comunidade linguística.

A construção social e histórica do Brasil, visivelmente foi alicerçado em uma política de Estado excludente e, até hoje, negacionista em relação à diversidade etnolinguística presente no país, diante disso, compreendemos que a manutenção de uma língua indígena é também um ato político de resistência identitária.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tratamos a respeito das atitudes linguísticas dos Kaingang da TI Apucaraninha, motivadas pelo contato entre a língua tradicional do povo e o português. A pesquisa aponta para a crescente valorização da língua Kaingang entre os moradores da TI e alerta para a necessidade de trabalhos que abordem em suas análises as questões relacionadas ao contexto de contato: variação linguística, bilinguismo, diglossia, dentre outros.

No que diz respeito ao espaço da língua indígena na TI-Apucaraninha, observamos que, para os falantes, esta é a língua de prestígio, ainda que não seja ela a língua oficial do país. Nossos colaboradores apontam para a crescente valorização da identidade cultural Kaingang e a manutenção da língua como marca identitária tem sido motivo para a elaboração de estratégias que possam contribuir para a vitalidade do Kaingang, tais como a revitalização de cantos e contação de histórias.

Dessa forma, entendemos que este trabalho nos possibilitou constatar que todos os colaboradores desta pesquisa se sentem importantes por ainda manterem preservada a língua de seu povo, da mesma maneira, entendem a necessidade de usar a língua portuguesa, de forma instrumental, em situações em que se é necessário utilizar o português.

V. 10, n. 26
Ago./Dez. de 2021
p. 135 a 148
ISSN 2238-0620

REFERÊNCIAS

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Estela V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). *Sociolinguística.* Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 41-47.

D'ANGELIS, Wilmar. *Aprisionando Sonhos* - A educação escolar indígena no Brasil. Editora Curt Nimuendajú: Campinas, 2012

FERREIRA, Bruno. ÕN SI AG TÕ PÊ KI VÊNH KAJRÃNRÃN FÃ. O papel da escola nas comunidades kaingang. *Tese de doutorado.* Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

FISHMAN, J. The Relationship between Micro- and Macro-Sociolinguistics in the Study of Who Speaks What Language to Whom and When. In: PRIDE, John Bernard; HOLMES, Janet. *Sociolinguistics.* Australia: Penguin Books, 1972.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA – IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br/indigenas/index.htm>. Acesso em: 29 set. 2019.

LAMBERT, W; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MAHER, T.M. Ser indígena em português. In SIGNORINI, Inês (org): *Língua (gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.* São Paulo. Mercado das Letras, 1998.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 1998.

RODRIGUES, A.D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas***.** São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolinguística*: teoria y análisis. Madrid: Alhambra, 1989.

VEIGA, J. *Organização Social e Cosmovisão Kaingang:* uma introdução ao parentesco e nominação em uma sociedade Jê Meridional. 1994. 221 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

Recebido em: 10/11/2021
Aprovado em: 16/11/2021